



DIRECTOR: FRANCISCO FERNANDES

SECRETARIO: LUCAS VIANNA

GERENTE: A. ORIGE

AUXILIARES DA REDACÇÃO: V. SILVA E M. MATTOS

1º DE ABRIL

A's illustradissimas e excellentissimas senhoras e a o's illustres cavalheiros que lbe tem distinguído com as suas valiosas collaborações, jura o seu profundo reconhecimento "O Crepusculo".

Um Anno

1.—Abril—1903

Com animo e sem quasi adjutorio vimos hoje firmar o nosso primeiro anniverrario. Com animo porque tão sensível é o affecto que temos ás letras e á terra do nosso nascimento que, em exercitarmos aquellas engrandecendo esta, encontramos um prazer de impossivel descripção. Sem quasi adjutorio, dizemos, por notarmos o desinteresse com que nos recebe a maior parte dos leitores, excusando-se de pagar insignificante quantia imprescindivel ao preparo d'este jornal.

Leitores ha que ao receberem um jornal, ou o leem com desdem, como se o pouco que vae escripto nenhum trabalho d'esse, ou encetando a leitura o abandona dizendo friamente: nada tem que preste; de tudo já eu sei...

Parece-nos, porem, que alguma cousa util temos enviado ao publico. durante o anno que findamos agóra.

Casualmente nos envolvemos n'uma questão grammatical, que a muitos aproveitou: pois diversas felicitações verbaes recebemos. Houve, é verdade, omissão adrede do autor. Mas n'esta omissão tinhamos seguro o prolongamento da discussão, visto como era este o intento do omitido.

Supplicamos c o m issistencia, instrucção. E que supplica mais justa e menos negavel é esta? Arrancar a venda ao povo, por ventura, não é erguer o paiz ao progresso? E': diz todo o leitor sensato!

Reclamamos u m a bibliotheca. Não merece a Laguna possuir a uma bibliotheca?

Mostramos a necessidade de

Lastimamos o modo desacertado por que aqui se commercia.

Condoidos da miseria alheia, tão acredora da piedade dos que governam, expozemos o penoso estado em que passam a vida os pobres de nossa terra.

Não nos fugio da mente a pessima barra que nos empobrece, e qual, supponmos, não por nossa influencia, vae tomar os concertos de que carece.

Tambem os nossos cemiterios, pelo ruim estado de conservação, occuparam-nos a penina.

Não foi portanto sem arraigada disposição que programamos *tratar dos assumptos que nos parecesse mais importantes, tanto no serio como no pilherico, na allura que nos competisse.*

Como revista, do traço não sahiremos; e do que affirmamos, é juiz o illustre leitor.



Austrii!

A praça está diserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as bigonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola; e à noite exige-a. A' hora da missa encontra-se à esquina das viellas e é ladrão. De dia traz molétras; de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiú ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

Donde veio esse homem? Da prostituição, do lote anonymo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda e ha de sair da vida

pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre como um sapo dum esgoto.

A mãe, quando o deu á luz, não viu o fruto do seu amor; viu a prova de seu crime. Escondeu-o do mysterio e o m o o assassino esconde a sua victima.

E o pae? Seria um principe ou um condemnado de galés? E' indifferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto, que lhe importa a elle! E' um fructo do chão, um fructo podre. Sahiú do estrome e vae para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vicios, ignorava todas as virtudes. Na epocha em que as crianças roubam os ninhos, elle roubava relógios. Precocidade.

Quando as outras são anjos, já elle era gatuno. Na e d a d e em que se aprende a ler, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitosse os crime buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacacs buscam os subterrâneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario, do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada de miseria tem destas gerações espontaneas.

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras; tirava l i b r a s das gavetas. Ao principio entráva pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira comunhão, elle recebia no tribunal a sentença. Seis annos de cadeia, uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua; quando sahiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veio tigre. A cadeia engoliu um ma-

landro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na facada.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo deste modo: tres annos nas galés e tres m e z e s na taberna. Um assassino sae muitas v e z e s duma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o *delirium tremens*. Naquelle cerebro d e perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim alli o tendes. E amanhã, a estas horas, quem sabe! estará talvez numa guilhotina, dentro duma cova, ou no fundo dum rio. O cutello, a miseria e o suicidio disputam-no entre si: tres abutres á espera dum cadaver.

Philantropos sociaes, respondei-me a isto. As vossas estatisticas dizem—a instrucção diminue a perversão: quer dizer, o alfabeto diminue o crime, que é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamente ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeja? Acotovelando-o com uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos pantanos. No homem ha duas cousas—o instincto que é um cego, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinellas dos instinctos. A razão é o domador dos appetes. Como se faz a separação? Illuminando as ruas! não o, illuminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não resuscita os assassinados. Não indemnisa vinga.

Se a sociedade tivesse fornecido um « abc » ao ignorante e um officio ao mendigo a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado—crime.

GUERRA JUNQUEIRO

Saudação

A' MOCINHA

*Onze annos... bella idade!
Quadra mimosa, florida:
Não ha flor que se compare
Na primavera da vida.*

*Na primavera florescem
As florinhas mimosas;
Florescem teus onze annos
Entre azevenas e rosas.*

*Os teus annos desabrocham
Como a flor pela manhã.
Recebe pois doce beijo
Dos labios da tua irmã.*

Lag. 15 Fevereiro, 1903

IZOLINA LIMA



ILLUSÃO

II

*Manhã formosa na matta,
Com um rumor de cascata,
Com os cantos dos passarinhos
Nos galhos fazendo ninho.*

*De subito, olho a vante:
Vejo mocinha andante,
De olhos negros: bem vi,
Da madrugada ao cahir!*

*Corpo lindo, flor divina,
Senhora d'uma campina!
Qual lyrio branco nevado,
No debil hastil debruçado!*

*Approximei-me da virgem,
Em verdadeira vertigem,
Dizendo: dai-me um beijo
Na rosea face de pejo?...*

*Enganei-me não era bella,
Nem rica, nem flor singella:
E'ra um tronco já cortado,
Há longos annos deixado!*

Lag. 20 de Março, 1903

LADISLAO PINHEIRO

O CRENTE.



Quem és tu, infernal monstro que me horrorisas,
E de que fugir não ousos? Sinto-me exanime:
A cabeça me vòa pela infinidade; e quando volta,
Mortal torpor me toma rancoroso a existência.
Minha bocca é de fêl abundoso rio; e as entranhas,
Deus meu! se me estorcem em desatino...
Quem és tu que tal poder me tens?

---Sou a Fome!

E tu, que do mais brilhante dia fazes a medonha noite,
Como o teu nome? Dos olhos as lagrimas me extinguistes
Deixando cinzas ardorosas. Meu sonho consumistes
E imposestes volver-me e revolver-me rangendo os dentes,
Revergando as mãos, amorphando o corpo.
Tu, bestial e insuperavel flagello, o teu nome como?

---Chamo-me Dôr!



Quem és que me sorris, que me ergues com doçura,
E me proteges da miseria? Quando me torturam,
Tristeza! as maiores dores, o desespero me ameaça
Na solidão da noite, tu me conchegas ao côlo benedito,
E em desvelos indiseveis me afagas.
Tu, que vertes o meu pranto e exprimes o meu jubilo, quem és?

---Sou a Caridade!

E's quem tu, e que me mostras? Tenho-te no coração.
E com tal aferro que, esquecido de soffrimentos cruciantes,
Em genuflexo me prostro a oscular-te as plantas.
Vejo cousas maravilhosas; oiço canticos que me seduzem;
Sinto brandura no olhar e nectar nos labios.
E's quem tu que me arrebatas, e que é o que me aponta?

---Sou a Fé! aponto a Eternidade!

Laguna, 18 de Março de 1903

S. G.

QUE DIZ?

A' POETIZA IZOLINA LIMA

Que diz a rola que no bosque solta
Cantos sentidos, exprimindo amor?...
Que diz a briza que tão meiga passa,
Extenuando as pet'las da formosa flor?...

Que diz a pobre, que pedindo esmola,
Ouve o som de uma rude lyra?
Que diz a viuva que misérias passa?
Que diz seu peito, que a cantar suspira?

Que diz o naufrago a boiar nas ondas,
Si um barco avista, no fatal momento?...
Que diz a nuven que o vento impelle?
Que diz nos campos o rugir do vento?

Que diz as ondas que rolando veem
Brincar na praia de areia liza?
Que diz o poeta nos seus meigos versos?
Que diz seus versos? o que diz poetiza?...

Que diz a lua que sulcando as nuvens
Vem meiga e linda se rever nas aguas?...
Diz qu'eu as vezes, melancolica e pallida,
Busco alegria, para disfarçar as maguas!

A rola, a briza, o pobre, a rude lyra,
O vento e a lua que sulcando corre,
Tudo me diz, que não és amiga
Desta novata, que esquecida morre...

Laguna, 10 de Março de 1892

CYNTHIA

O MEU CÃO

Meu cão é um amigo que nunca me deu desgosto, um apego que nunca me foi um encargo, uma testemunha que nunca me traiu.

Tenho presumido que o Credor, arrependido de fazer o homem—esta mescla de orgulho e de baixeza, de covardia e de perversidade, de amor e de odio, criou o ente, que vaidosamente chamamos irracional, cheio de attributos que nos sensibilizam a alma, levando-nos em reptos de admiração e respeito à Omnipotencia que a tirou do barro commum.

Não ha respeito social que me impeça de vos dizer que tenho nojo dos homens, e dou aos brutos, que não põem gravata nem commenda, o grande coração que preciso consagrar a algum affecto.

Eu afago carinhosamente o m gato, e choraria, si visse pisar uma lesma dessas que se conservam na sua especie, e não dos outros moluscos que, pelo facto unico de sua posição vertical, teimam em pertencer a uma especie que a zoologia, ainda pobre em classificação, denomina humana. Impaciento-me contra os fabulistas que humanizaram os brutos, para dizerem verdades amargas ao homem.

Havia precisão de injuriar uma raposa imputando-lhe as astucias atraçoados de que é susceptivel o animal carnívoro, que a mata, chamado homem, porque a raposa agadanhara a galinha que elle lhe quer comer?

« Maldito seja o homem que e confiar no homem! » são palavras de Jeremias, que viveu ha cerca de dois mil annos e passou o seu tempo a chorar a torpitude da sua raça e da nossa, que se crearam com a excrecencia do contracto da fazenda e do conselho da saúde.

O demonio, para convivencia, é muito melhor sujeito que o homem.

Não acreditam?
Paciencia.

CAMILLO CASTELLO BRANCO



Pezames

Pagou de improviso o inevitavel tributo à Morte, na noite de 22 do mez pp., deixando em insolavel situação a sua distincta familia, o illustre cidadão Antonio Joaquim Gonçalves Lima, exemplar encarregado da estação telegraphica d'esta cidade, e amorofo chefe de familia.

O "Crepusculo" participando da dôr dos parentes do morto, offerece-lhes reverentemente esta confissão, especializando-a à sua intelligente collaboradora, Exm a D. Isolina Lima.



Ainda me lembro...

Vão longe, em vertiginosa carreira demandando a infinidade, os annos de minha infancia; e com tudo ainda saudoso me lembro.

Como esquecer? Levar inadvertido ao ovido o tempo em que a verdadeira felicidade me embalava docilmente no berço, a quadra

onde em todos os homens eu via a lealdade estampada, onde eu desconhecia o desprezível mytho humano!

Se meus paes resolviam passear pela roça, ordenavam que me preparasse para o passeio. Na vespera, já eu antegosava os acontecimentos futuros. Mil pensamentos tresloucados se me baralhavam no espirito. As gaiolas que me haviam de acompanhar, eu as limpava, concertava, experimentava-lhes os alcapões. Amolava a faquinha de que dispunha, encordoava o beódque, seccava as pelotas e as ensaccava.

Durante a noite precedente ao passeio, o somno me fugia e eu anciava pela aurora, que, nem bem despontava, já eu a imitava.

Que differença! N'aquellas noites a insomnia me indicava o gozo: hoje, a desillusão!

Sabíamos afinal os meus e eu equipados para a caça. A's vezes eu subia para o carro, n'outras descia para pisar as hervinhas mantedoras dos crystaes da noite morrente. Não demoravi, o sol se ia erguendo indolente e triumphante, a despejar profusões de luz que desprendia do orvalho outras e outras luzinhas de innumeras cores.

Sentia-me então outro.

Aqui apanhava eu um araçá, ali uma flôr silvestre, lá uma murtha, uma gabirola, uma laranja; cortava uma vara, espantava o gado.

Além eu me quedava encantado por a cacimba que, não supportando o transparente fluido que asossobrava, o despedia para o regato que se enroscava á beira do caminho; por o calix da florinha a desprender perfumes; por a abelha que, em quanto eu briacava, se entretinha a fazer provisão de mel; por o passaro que vinha beber da agua e voltava cantando com o agradecido; por a fruta que, de madura, se desgarrava do penduculo deixando-o em resignada desolação, e vinha se arrebeitar no

no chão; por o que todas estas e mais coisas, n'uma voz que revolte o raciocinio, proclama: Deus!

Depois de ch e g a d o, entregava-me á caça, ao prazer de tudo que nos offerece a roça na sua simplicidade.

Indisivel mas rapida magoa eu sentia á ordem: Voltemos! Era então noite e quasi sempre a lua nos allumiava aos meus e a mim. O leito n'esta noite tinha tal attractivo que, recebendo-me o corpo em eu chegando, só o restituia ás horas enfadonhas do collegio.

Se o passeio era feito pelo mar, não me faltavam as delicias. Ora o vento na impetuosidade me assustava; ora na brandura de sua passagem me animava e alegrava.

Hoje, quanto mais os deveres sociaes me inquietam, me obrigam a labutação insana, mais se exalta a minha infancia, e com ella sonho porque saudoso me lembro!

Laguna, Março, 1903.

S. G.



CHRONOLOGIA POLITICA BRASILEIRA

EXCERPTOS

XIX

17. Lrgislatura

2 cadeiras 1871—1878.

Lei do terço em representação das minorias—Systema indirecto Lei n.º 2676 de 20 de Outubro de 1875.

28—Conselheiro João Silveira de Souza.

29—Coronel João de Souza Mello e Alvim.

18. Legislatura

2 cadeiras 1882—1886

Eleição directa—effectuada em 31 de Outubro de 1881—Destricto de mim só deputado, Lei n.º 3,099 de 9 de Janeiro de 1881, 18 municipios e 38 parochias, com 3520 eleitores:

1º Distrito
11 Municípios e 21 paróchias.
1º Escrutínio
Major de engenheiro Alfredo
1º Escrahnolle Taunay, de p o i s
Visconde de Taunay, 506, votos
Dr. Olympio Adolpho de Souza
Pitanga bacharel em direito, 434
votos.

Dr. Sebastião Antonio Rodri-
gues Braga, engenheiro civil, 75
votos.

Dr. Duarte Paranhos Shmithd
medico 5 votos, Conselheiro João
Silveira de Souza, lente de direito
2 votos.

Visto nenhum dos cinco candi-
datos votados terem reunido ma-
xima absoluta, entraram os dois
primeiros mais votados em 2 es-

crutínios cujo resultado foi este:
30 Dr. Alfredo d'Escrahnolle
Taunay, 643 votos.
Dr. Olympio Adolpho de Souza
Pitanga 635.

2º Distrito
7 Municípios e 17 paróchias
1º Escrutínio.
Manoel José de Oliveira advo-
gado 449 votos.
Dr Manoel da Silva Mafra; ma-
gistrado 439.
Conselheiro Francisco Carlos da
Luz, militar 51.
Capitão Luiz Martins Collaço,
proprietario 1

Continua

CHRONISTA

Perfil

"Pallida o rosto, basta a negra transsa"
Labios niveos do meu terno amor,
Estrella fulgurante de onde lança,
Brilho incandescente, puro, encantador.

Placido, sereno, teu olhar pequenino.
"Dois grandes lagos de bondade cheios,"
De brilho mavioso, brilho purpurino,
Onde minh'alma em dor, em anseios,

Tem do passado, as doces lembranças,
Que dilaceram as minhas esperanças,
De um amor louco inesprimivel.

Perfil encantador, bello, indestructivel!
De minh'alma és— o mavioso manto;
De meu coração—o balsamo sacrossanto.

Laguna. 3 de Março de 1903

GENIOR FRANCO